

RECUSADOS

GRITO DE INDEPENDÊNCIA DOS ARTISTAS QUE ACREDITAM NO FUTURO DA ARTE NO BRASIL



O "poster", simbolizando a morte da Bienal



Os organizadores: revoltados com o corte de 90% dos artistas.



Este quadro de Armando Sendin foi um dos poucos aprovados.

ESTE ANO TEREMOS DUAS BIENAS: UMA OFICIAL E UMA DE RECUSADOS.

Oitenta artistas de São Paulo, recusados pelo júri da Bienal, estão reunidos (à espera de mais adesões) para realizarem a Bienal dos Recusados. O movimento já tem um cartaz promocional e seus organizadores afirmam que a exposição das obras recusadas será feita em praça pública, se for necessário.

Em 1863, o quadro "Déjeuner sur l'herbe", de Manet, foi recusado no Salão Oficial. O imperador Luís Napoleão III realizou então o Salão dos Recusados, onde foram expostas as obras recusadas no Salão. Em 1874, os impressionistas fizeram uma coletiva no salão do fotógrafo Nadar, pois naturalmente seriam cortados pelo júri do salão oficial. Em 1973, um século mais tarde, embora em termos diferentes, o problema continua. Agora é vez da Bienal dos Recusados, que será realizada devido ao corte de 90% dos artistas de São Paulo.

O movimento está sendo organizado por Lucilia de Toledo Mezzotero, Duilio Galli e Lília Pereira da Silva. Lucilia conta que a idéia surgiu sem querer, de uma conversa por telefone com Ivo Zanini:

— Dei um telefonema para o Ivo Zanini para ver se ele sabia o resultado do Rio. Ele me perguntou se eu não estava triste por não ter entrado na Bienal. Eu disse que não, que tinha mais dó dos meus colegas e que nos próximos dois meses eu não queria pensar em nada. Eu disse para ele como um desafo: Sabe de uma coisa? Tenho vontade de fazer uma bienal dos recusados. No dia seguinte (7 de agosto) foi publicada a notícia da organização da Bienal dos Recusados. Isso me empurrou.

Mais tarde, Duilio Galli telefonou a Lucilia e os dois resolveram organizar juntos o movimento.

— Até agora, conta Duilio, nós temos mais de 80 adesões. Já houve essa idéia outras vezes, mas ninguém levou para frente. Todos os que estão aderindo estão entusiasmados.

O motivo principal da Bienal dos Recusados é o corte de 90% dos artistas de São Paulo. O corte que Lucilia e Duilio considerariam normal seria 60%:

— A atitude do júri foi absurda, diz Lucilia. Se houvesse algum critério diferente deveriam ter avisado antes. Nós queremos dar uma chance aos cortados.

Mas Duilio conta, que além do problema do corte, alguns artistas apoiam a bienal dos recusados por outros motivos: porque são contra o sistema competitivo de salões, ou como um simples protesto contra o júri, ou porque são contra o sistema da própria Bienal.

— Não é por dificuldade de expor, afirma Lucilia, que estamos organizando o movimento, mas por achar injusta a atitude do júri.

Leilah Lorey, Maria Cândida Lang e Ana Carolina de Almeida são algumas artistas que aderiram ao movimento por ser uma oportunidade de mostrar seus trabalhos. As três afirmam que mesmo se estivessem entre os 10% escolhidos, estariam a favor da bienal dos recusados.

— As adesões são espontâneas, explica Lucilia, e é importante notar que muitos recusados de São Paulo têm trabalhos superiores aos que entraram. Não conhecemos os recusados, mas aceitamos todos de olhos fechados, com a condição de entregarem os mesmos trabalhos enviados à Bienal (com a respectiva etiqueta e inscrição).

Esses trabalhos devem ser entregues até o fim do mês, para que haja tempo de ser feito um catálogo, onde será redigido um manifesto, de acordo com a opinião de todos os participantes recusados. O movimento já recebeu também uma primeira proposta para o seu cartaz — uma cartola com duas teias de aranha, de onde sai muitas flores. Segundo Heinz, o autor do cartaz, simboliza a morte da Bienal.

O local da exposição dos recusados ainda não está estabelecido:

— Em último caso, se não conseguirmos um local, faremos a exposição em praça pública. A exposição e o catálogo serão feitos de qualquer jeito.



Paolo Quaglio e Leilah Lorey, dois artistas recusados pelo júri da Bienal de São Paulo.



Estes foram aceitos pelo júri

Os 22 artistas selecionados para a XII Bienal de São Paulo, entre os 236 inscritos: Maria Tomaselli Cirne Lima (4 desenhos), Luiz Gregório Novais Correia (5 desenhos), Gastão de Magalhães (um projeto), Hannah Henriette Brandt (5 gravuras), Antonio Celso Sparapan (um trabalho), Odila Mestriner (4 pinturas), Carlos E. M. Lacerda (5 pinturas), Geraldo José dos Santos (5 desenhos), Hamilton de Souza e Equipe (um projeto), Sergio Ederlyi (um projeto), Vera Maria Café e Alves (5 trabalhos), Yukio Suzuki (um trabalho de pintura — série de 20 telas), Equipe Gerty Saruê e Lizarraga (um projeto ambiental), Bernardo Caro (3 trabalhos ambientais) Henrique Leo Fuhro (5 desenhos), Sulamita B. Mareines e Ivo Pedro Mareines (um projeto), Emi Mori (5 pinturas), Carmem Bardy (um trabalho conceitual), Romanita D. Martins (5 gravuras), Armando Moral Sendin (5 pinturas), Edgard Rocha (3 desenhos) e Claudio Medeiros Silveira (obras de tapeçaria).